



FACULDADE DO SERIDÓ - FAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ZILMÁRIA JUSTINO DE ARAÚJO SILVA ABREU

**A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE APOIO NA SALA DE AULA NO
PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA**

CURRAIS NOVOS – RN 2025

ZILMÁRIA JUSTINO DE ARAÚJO SILVA ABREU

**A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE APOIO NA SALA DE AULA NO
PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA**

Artigo científico apresentado à Faculdade do Seridó – FAS, como requisito para obtenção de nota na disciplina de (TCC II), e obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Ms. José Genilson Félix.

CURRAIS NOVOS – RN

2025

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado por “a importância do profissional de apoio na sala de aula no processo de inclusão de crianças com TEA”, compreende mais do que um trabalho acadêmico, ele nasceu do coração e do desejo de compreender o verdadeiro sentido da inclusão.

Cada página escrita reflete o amor pela educação, a sensibilidade diante das diferenças e a certeza de que o profissional de apoio é uma ponte entre o acolhimento e o aprendizado. Este trabalho representa a esperança em uma escola que enxerga cada criança como única, capaz e digna de todas as oportunidades. É um tributo à empatia, à escuta e ao compromisso de transformar o ambiente escolar em um espaço de respeito, amor e desenvolvimento humano.

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE APOIO NA SALA DE AULA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Zilmária Justino de Araújo Silva Abreu¹
José Genilson Félix²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do profissional de apoio no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sala de aula. A partir de uma abordagem qualitativa, pautada na experiência como profissional de apoio e em diálogo com referenciais teóricos, discute-se o papel desse profissional como mediador no desenvolvimento pedagógico, social e emocional do estudante com TEA. A pesquisa apresenta um estudo de caso baseado em registros em registros de observações e vivências no contexto escolar, articulando a prática com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados indicam que a atuação do profissional de apoio é essencial para a efetivação de uma educação inclusiva, sendo necessário investir em sua formação continuada e reconhecimento institucional.

Palavras-chave: inclusão escolar; TEA; profissional de apoio; educação básica; BNCC.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the importance of support professionals in the process of including children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the classroom. Using a qualitative approach based on experience as a support professional and in dialogue with theoretical references, it discusses the role of this professional as a mediator in the pedagogical, social, and emotional development of students with ASD. The research presents a case study based on records of observations and experiences in the school context, articulating practice with the guidelines of the National Common Core Curriculum (BNCC). The results indicate that the work of support professionals is essential for the implementation of inclusive education, and that it is necessary to invest in their continuing education and institutional recognition.

¹ Aluna do Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia, Período VIII, da Faculdade do Seridó (FAS), Currais Novos/RN.

² Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Docente da Faculdade do Seridó (FAS). Email: felixjosegenilsonfelix@gmail.com.

Keywords: school inclusion; ASD; support professional; basic education; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema (*A importância do profissional de apoio no processo de inclusão de crianças com TEA*), surgiu a partir da vivência direta como profissional de apoio de uma criança com autismo. Ao longo dessa experiência, percebeu-se como a presença de um profissional de apoio comprometido e preparado faz diferença no cotidiano escolar e, principalmente, no desenvolvimento da criança dentro do ambiente educativo.

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação tem sido um dos grandes desafios e avanços dos últimos anos na área da pedagogia. Garantir o direito à aprendizagem de forma respeitosa exige da escola não apenas estrutura física adequada, mas também uma equipe preparada, com mais empatia e comprometida com a diversidade. Nesse contexto, a profissional de apoio surge como uma pessoa muito importante nesse processo de inclusão, especialmente quando se trata de alunos com necessidades específicas.

Ao longo deste artigo, buscou-se a compreensão sobre o papel do profissional de apoio na contribuição efetivamente para uma educação inclusiva de qualidade, discutindo também os desafios enfrentados no cotidiano escolar e a necessidade de valorização e formação continuada de nos profissionais.

A escolha do tema é, portanto, fruto de uma vivência real, sensível e transformadora, que mostrou na prática que a inclusão vai muito além da presença física: ela depende de relações humanas e físicas com o meio, apoio adequado e uma equipe que trabalhe em conjunto pelo bem de cada criança.

Além disso, é necessário refletir sobre a importância da formação e valorização dos profissionais que atuam diretamente com crianças com TEA, em especial as profissionais de apoio. Muitas vezes, esses profissionais desempenham um papel fundamental no processo de mediação entre a criança e o ambiente escolar, contribuindo não apenas com o aspecto pedagógico, mas também com o social e emocional.

A presença da profissional de apoio não deve ser encarada como um apoio secundário, mas sim como uma peça-chave para a mediação pedagógica, o acolhimento emocional e o suporte cotidiano ao professor regente. Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação social, e é nesse processo que a mediação de adultos mais experientes se torna essencial para que a

criança avance em sua zona de desenvolvimento proximal. Nesse cenário, a profissional de apoio assume o papel de mediadora, promovendo interações significativas que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem de forma mais acessível e inclusiva.

Além disso, Maria Teresa Eglér Mantoan (2003) destaca no livro *O desafio das diferenças nas escolas*, a inclusão exige mudanças na cultura, nas políticas e nas práticas pedagógicas. que a inclusão escolar não se limita à presença física do aluno com deficiência em sala de aula, mas implica em transformar a prática pedagógica, repensar estratégias e garantir a participação efetiva de todos. Para isso, é necessário contar com profissionais capacitados e engajados, como as profissionais apoio, que muitas vezes conhecem profundamente a realidade dos alunos e se tornam pontes entre suas necessidades e o planejamento pedagógico.

Fernandes (2006) também reforça que a inclusão exige uma mudança de postura de toda a equipe escolar, valorizando o papel dos profissionais que atuam diretamente com os alunos, especialmente aqueles com necessidades específicas. A formação continuada, a valorização profissional e a clareza quanto ao papel do profissional de apoio são fundamentais para que o trabalho em sala seja realmente colaborativo e eficaz.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a importância do papel da profissional de apoio no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação infantil. Como objetivos específicos, busca-se:

- I. Compreender as contribuições da atuação da profissional de apoio no desenvolvimento pedagógico e social de alunos com TEA.
- II. Refletir sobre os desafios enfrentados por esses profissionais no ambiente escolar.
- III. Discutir a necessidade de formação continuada e valorização da função da profissional de apoio no contexto da educação inclusiva.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade urgente de discutir a inclusão sob a perspectiva do trabalho coletivo dentro da escola. Frequentemente, o foco recai sobre o professor regente ou sobre os recursos materiais, enquanto o trabalho das profissionais de apoio permanece invisível ou subvalorizado, apesar de sua relevância prática. Ao colocar em evidência essa atuação, pretende-se contribuir para o reconhecimento desse profissional como parte essencial de uma proposta

pedagógica inclusiva, além de fomentar reflexões que possam influenciar práticas institucionais mais justas, humanas e eficazes.

Dessa forma, espera-se que este artigo científico auxilie não apenas na valorização do profissional de sala, mas também na ampliação do entendimento sobre a inclusão de crianças com necessidades específicas como uma responsabilidade compartilhada entre todos os atores da comunidade escolar.

1.1 Problema

Apesar dos avanços na legislação e nas políticas públicas voltadas à inclusão, ainda é visível a dificuldade que muitas escolas enfrentam para garantir, de fato, a participação efetiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Um dos principais desafios está na atuação do profissional de apoio, cuja presença é prevista por lei, mas muitas vezes ocorre de maneira desorganizada, sem formação adequada ou reconhecimento de sua real importância e salário digno. A falta de formação adequada e reconhecimento do profissional de apoio compromete a qualidade da inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar.

Em muitos casos, o profissional de apoio é inserido na rotina escolar sem receber orientações claras sobre seu papel, sendo visto apenas como acompanhante, e não como parte da equipe pedagógica. Essa falta de clareza e preparo compromete diretamente a qualidade da inclusão, deixando o aluno com TEA vulnerável e sem o suporte necessário para desenvolver seu potencial. Além disso, a ausência de diálogo entre professores, gestores e o profissional de apoio pode dificultar ainda mais o trabalho colaborativo, essencial para atender as necessidades específicas de cada aluno.

É preocupante perceber que, mesmo com a obrigatoriedade da inclusão, a realidade ainda mostra uma distância entre o que está previsto na teoria e o que acontece na prática. Diante disso, surge a necessidade de investigar como o profissional de apoio está sendo inserido nas escolas. E de que forma sua atuação pode contribuir – ou ser limitada – no processo de inclusão das crianças com TEA no contexto educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o autor Lev Vygotsky um dos principais teóricos que sustentam a importância da interação social no processo de aprendizagem. Sua teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal mostra que a criança pode alcançar níveis mais avançados de aprendizagem quando recebe apoio adequado, especialmente de um mediador mais experiente. Essa perspectiva ajuda a compreender que o desenvolvimento não ocorre de forma isolada, mas se constrói na relação constante entre o sujeito e o ambiente.

A partir dessa visão, Fernandes (2006) discute a necessidade de formação continuada dos educadores para lidar com a diversidade em sala de aula. A autora reforça que, assim como propõe Vygotsky, o profissional de apoio deve atuar em parceria com o professor titular, construindo estratégias que favoreçam a participação e o desenvolvimento dos alunos. Essa colaboração é fundamental para adaptar atividades, promover a socialização e atender às necessidades específicas de estudantes com TEA, garantindo que nenhum deles fique à margem do processo educativo.

Nessa mesma direção, a atuação do profissional de apoio na escola revela de forma concreta o papel desse mediador no cotidiano escolar. Suas funções vão além do acompanhamento pedagógico: ele se torna um elo essencial entre o aluno, os colegas e os professores, criando pontes de comunicação que permitem que o estudante participe de forma ativa e significativa. Essa mediação é indispensável para que a inclusão social e acadêmica ocorra de fato, assegurando que o ambiente escolar seja acolhedor, adaptado e acessível às singularidades do aluno.

Ao focar nas necessidades específicas, ela se dedicava, adaptava e simplificava tarefas, reforçando o conteúdo ensinado e contribuindo para o avanço no processo de aprendizagem, o que reflete diretamente os princípios vygotkianos de mediação e desenvolvimento. Além disso, o cuidado com as atividades diárias, como a ida ao banheiro e a atenção às restrições alimentares, ampliava minha responsabilidade para além do pedagógico, evidenciando um compromisso integral com o bem-estar e a segurança do aluno. Assim, a atuação do profissional de apoio se mostra indispensável para transformar o ambiente educacional em um espaço

verdadeiramente inclusivo, onde barreiras são minimizadas e cada estudante tem a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial.

Segundo Mantoan (2003, p. 25), “a inclusão escolar não é um favor, mas uma condição indispensável para a construção de uma sociedade democrática”. A autora defende que o papel da escola é acolher a diversidade, considerando as diferentes formas de aprender e de se desenvolver. Para isso, torna-se necessária uma reorganização das práticas pedagógicas, com currículos flexíveis, atitudes acolhedoras e formação adequada dos profissionais. Essa visão inaugura a compreensão de que a inclusão ultrapassa o cumprimento de normas: ela envolve repensar a própria função social da escola.

Dando continuidade a esse entendimento, Mantoan (2003) reforça que a inclusão é um processo coletivo, no qual todos os membros da comunidade escolar precisam estar comprometidos. Assim, a escola deve promover espaços de aprendizagem que permitam a participação, a interação e a contribuição de todos os estudantes. Essa convivência com as diferenças, quando intencionalmente organizada, amplia o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas. Dessa forma, o parágrafo aprofunda o anterior ao mostrar que a reorganização pedagógica defendida pelo autor só se concretiza quando toda a escola assume a inclusão como prática diária.

Na sequência, Mantoan (2006) amplia esse debate ao argumentar que o fracasso escolar, muitas vezes, é consequência de práticas que excluem, por não reconhecerem a singularidade dos alunos. Assim, ela reforça a importância de profissionais que atuem com flexibilidade e criatividade, adaptando metodologias, recursos e avaliações conforme as necessidades de cada estudante. Esse ponto dialoga diretamente com o que foi apresentado anteriormente: se a inclusão é coletiva, ela também exige ações concretas de cada educador, que assumem a inclusão não apenas como exigência legal, mas como postura ética e pedagógica capaz de humanizar o processo educativo.

Nesse sentido, Fernandes (2006) aprofunda a discussão ao destacar o papel essencial do professor e do profissional de apoio na efetivação da inclusão escolar. Sua reflexão complementa o pensamento de Mantoan ao mostrar que a inclusão não se realiza apenas pela intenção, mas pelo trabalho conjunto, contínuo e intencional desses profissionais no cotidiano da sala de aula. A formação continuada e a

cooperação entre eles tornam-se condições fundamentais para que as práticas inclusivas sejam realmente eficazes.

Segundo Fernandes (2006), o profissional de apoio deve colaborar diretamente com o professor titular na adaptação das atividades, na organização do ambiente e no acompanhamento especializado dos alunos com necessidades educacionais específicas. Essa atuação conjunta não apenas facilita o acesso ao currículo, mas também cria condições reais para que o aluno participe de forma ativa e significativa do cotidiano escolar. Desse modo, o trabalho dialogado e cooperativo reafirma a ideia de que a inclusão se concretiza por meio de práticas compartilhadas, e não de ações isoladas ou pontuais. Ao assumir essa função mediadora, o profissional de apoio torna-se peça fundamental no processo educativo, contribuindo de maneira decisiva para o desenvolvimento global do estudante e para o fortalecimento de sua autonomia, aspectos essenciais para uma inclusão efetiva e humanizada.

Por fim, a autora enfatiza que, especialmente no caso dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa parceria entre professor e profissional de apoio é determinante para promover socialização, comunicação e participação nas atividades escolares. Assim, o último parágrafo se conecta diretamente ao anterior ao mostrar um exemplo concreto de como a cooperação entre os profissionais se traduz em benefícios reais para o aluno. Dessa forma, a inclusão se fortalece enquanto prática ética, humana e pedagógica, respeitando o ritmo e as especificidades de cada estudante e garantindo seu desenvolvimento integral.

Vygotsky (1896–1934), suas contribuições continuam fundamentais para compreender o papel da interação social na construção do conhecimento. Para o autor, o desenvolvimento humano ocorre por meio da mediação entre o sujeito e o meio, sendo a linguagem o principal instrumento desse processo. No livro *A formação social da mente* de Lev S. Vygotsky (Martins) página 11 trata dessa relação entre linguagem e desenvolvimento — onde Vygotsky mostra que a linguagem é um instrumento fundamental para o desenvolvimento da mente humana. Essa compreensão reforça a importância do profissional de apoio como mediador ativo, capaz de influenciar positivamente o desenvolvimento escolar, social e emocional do aluno. Segundo Vygotsky (1991) Na edição de 1991 (Martins Fontes), essa afirmação está principalmente no capítulo sobre aprendizagem e desenvolvimento, em torno da página 97. O aprendizado antecede o desenvolvimento e o impulsiona. O

conhecimento é resultado das relações que o indivíduo estabelece com outras pessoas e com o meio em que vive. A aprendizagem acontece, portanto, por meio da interação com o outro, que pode ser o professor, o colega ou outro sujeito mais experiente. Esse processo torna o educador um mediador do conhecimento, responsável por criar pontes entre o saber e o aprendiz.

A atuação docente, nessa perspectiva, exige sensibilidade para identificar o momento em que o estudante necessita de ajuda e quando já pode agir de forma autônoma. Assim, o profissional de apoio não é mero transmissor de conteúdo, mas um facilitador do desenvolvimento, que ajuda o aluno a avançar gradualmente até que se torne independente. Essa visão tem profunda relação com as práticas da educação inclusiva, pois valoriza o potencial de cada indivíduo e reconhece a importância do apoio e da mediação no processo de aprender.

Fernandes (2006, p. 54) afirma que “a inclusão requer uma nova postura dos educadores, fundamentada na cooperação, na escuta e no respeito às diferenças”. Assim, a escola precisa promover uma cultura de colaboração entre todos os profissionais, valorizando tanto o papel pedagógico quanto o afetivo na construção de uma educação mais justa e acolhedora.

A prática pedagógica inclusiva, o olhar desses autores, requer que o professor reconheça o aluno como protagonista de sua aprendizagem. O educador atua como mediador, criando condições para que todos possam aprender e se desenvolver dentro de suas possibilidades. Assim, a escola se transforma em um espaço de convivência e crescimento mútuo.

O pensamento de Vygotsky continua extremamente atual, especialmente quando se discute o papel da mediação pedagógica e da interação no processo de aprendizagem. Em tempos de metodologias ativas e ensino por competências, as ideias do autor ganham força, pois reforçam a importância da aprendizagem colaborativa, em que o conhecimento é construído em conjunto e não apenas transmitido de forma passiva.

A aplicação prática da teoria vygotskiana na escola inclusiva se manifesta quando o profissional de apoio observa, escuta e intervém de forma planejada, utilizando estratégias diferenciadas e recursos de apoio que favoreçam a participação ativa do aluno. Isso mostra que a inclusão não é apenas a presença física do estudante na sala, mas a garantia de seu envolvimento intelectual e emocional no processo de aprender.

Mantoan (2003) vai além da defesa do direito à educação: ela propõe uma mudança estrutural e cultural na escola. Para a autora, não é o aluno que precisa se adaptar à escola, mas a escola que deve se reorganizar para atender às diferentes formas de aprender. Essa ideia é revolucionária, pois desafia o modelo tradicional que valoriza a homogeneidade e a padronização do ensino.

A inclusão é um ato político e ético, pois reconhece a dignidade e o potencial de cada ser humano. Quando a escola adota práticas inclusivas, ela se torna mais democrática e justa, promovendo não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento da cidadania e da empatia. Nesse sentido, o trabalho do professor é fundamental, já que ele é o mediador entre o conhecimento e a realidade dos alunos.

Ao defender a perspectiva de Mantoan (2003), compreende-se que a escola inclusiva não é apenas um espaço físico aberto a todos, mas um ambiente vivo, que acolhe, respeita e estimula. Cada aluno é visto como sujeito de direitos e participante ativo do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a escola deixa de ser um espaço seletivo para se tornar um lugar de pertencimento e transformação.

A visão de Fernandes (2006) é profundamente humanizadora, pois considera que a inclusão é uma ação compartilhada, que depende da escuta, do diálogo e da cooperação. O profissional de apoio não é apenas um auxiliar técnico, mas um parceiro que contribui para o desenvolvimento integral do aluno. Essa atuação articulada permite identificar estratégias personalizadas e garantir que o estudante se sinta acolhido, compreendido e motivado a participar das atividades escolares.

Ao analisar os três autores em conjunto, percebe-se que eles sustentam uma base teórica coerente e complementar para a prática educativa. Vygotsky fornece o embasamento psicológico da aprendizagem mediada; Mantoan (2003) oferece o olhar político e pedagógico da inclusão; e Fernandes (2006) traz a perspectiva prática e colaborativa da atuação docente.

Apoiar esses autores é defender uma educação humanizada, que reconhece as potencialidades e os limites de cada estudante. É afirmar que a aprendizagem depende da interação, da mediação e da valorização das diferenças.

Com base nesses princípios, a profissional de apoio assume um papel ativo e transformador, sendo responsável por criar oportunidades de aprendizagem significativas para todos. A escola inclusiva é, portanto, o espaço onde as diferenças se tornam fontes de aprendizado e convivência, e não barreiras.

Ao relacionar as ideias de Vygotsky, Mantoan e Fernandes, observa-se que todas convergem para uma concepção de educação baseada na interação, na mediação e no respeito à diversidade. Vygotsky apresenta fundamentos teóricos sobre como o aprendizado se dá nas relações sociais; Mantoan traz a aplicabilidade dessa teoria na inclusão escolar; e Fernandes reforça o papel colaborativo dos profissionais que atuam nesse contexto, pois também parte da ideia de que ninguém aprende sozinho. A aprendizagem é um processo social, construído na relação com o outro.

A inclusão, portanto, não deve ser vista como um desafio isolado, mas como um processo contínuo de transformação da escola e de seus agentes. Essa transformação depende do compromisso ético, da reflexão constante e da busca por formação que permita compreender e respeitar as singularidades humanas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada em estudos de autores que discutem a educação inclusiva, o desenvolvimento humano e as intervenções psicopedagógicas. Para a construção do referencial teórico, foram utilizados aportes teóricos de Bossa, Carvalho, Fernandes, Mantoan, Nóvoa e Vygotsky, e por meio da experiência prática da pesquisadora como profissional de apoio de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Ausônio Araújo, que contempla o Ensino Fundamental I e II (1º ao 9º ano), localizada no Bairro JK, Rua Luiz Janílson, na cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte (RN). Utiliza-se a observação participante como principal técnica de coleta de dados, permitindo uma compreensão contextualizada da inclusão escolar a partir da vivência cotidiana.

Os dados apresentados foram coletados de forma descritiva, por meio de registros de observações diárias, e situações vivenciadas no ambiente escolar durante o período de atuação como profissional de apoio. As anotações permitiram a organização das informações relevantes para a discussão do papel da profissional de apoio, suas ações, desafios enfrentados e estratégias utilizadas para favorecer a participação da criança nas atividades escolares. Os dados foram coletados por meio de duas abordagens complementares:

Intervenção Pedagógica/Observação: Utilização de diversos materiais lúdicos e pedagógicos durante as atividades. Os materiais incluíram: cards, brinquedos educativos (como quebra-cabeça e encaixes com feltros), tintas, massinha de modelar e fantoches. As atividades foram adaptadas para M, mantendo a correspondência com o conteúdo estudado pelos demais alunos da turma.

Além da experiência prática, o trabalho também se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica, com base em autores que discutem a inclusão escolar, o Transtorno do Espectro Autista e a atuação dos profissionais da educação. Essa combinação entre vivência prática e embasamento teórico enriquece a análise e contribui para a construção de uma reflexão crítica e sensível sobre o tema.

O tipo de pesquisa escolhido também é o estudo de caso, pois trata-se da análise detalhada de uma situação específica: sobre a vivência como profissional de apoio de um aluno com TEA em uma escola de ensino municipal, onde o estudo de caso permite observar de forma direta as interações cotidianas, os desafios enfrentados, as estratégias adotadas e os resultados obtidos em todo meu processo de inclusão escolar.

Foram considerados comportamento da criança, suas interações sociais, as adaptações nas atividades pedagógicas. Esses registros foram fundamentais para construção desde projeto.

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com estudo de caso, considerando a experiência prática da pesquisadora como profissional de apoio. O objetivo foi compreender como a atuação do profissional de apoio contribui para a inclusão e adaptação de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar.

Os dados foram organizados e analisados por meio de análise de conteúdo, buscando identificar padrões, recorrências e significados nas ações e interações observadas. Essa análise possibilitou interpretar como a atuação do profissional de apoio influencia o processo de inclusão e desenvolvimento da criança com TEA.

Foram realizadas anotações diárias e registros descritivos, incluindo comportamentos, reações, formas de comunicação e respostas às atividades pedagógicas. Essas informações possibilitaram analisar de forma detalhada como as ações do profissional de apoio influenciam o desenvolvimento da autonomia, da socialização e da participação da criança no contexto escolar.

A metodologia escolhida valorizou a integração entre prática e observação, permitindo compreender de forma mais sensível e contextualizada os desafios e resultados do processo inclusivo. Os princípios éticos foram rigorosamente respeitados, garantindo sigilo e preservação da identidade da criança e da instituição.

4 RESULTADOS

É crucial destacar que o processo de intervenção e os progressos quantificados foram precedidos e condicionados pela construção de um vínculo de confiança mútua. Inicialmente, a criança, em fase de adaptação ao novo ambiente e ao profissional de apoio, apresentava reservas e pouca iniciativa.

Contudo, observou-se que à medida que o vínculo afetivo-emocional foi se consolidando e a confiança na figura do profissional de apoio foi estabelecida, a criança começou a demonstrar gradualmente maior interesse e engajamento nas atividades propostas e nas interações sociais. Essa etapa inicial, marcada pela construção da segurança e do afeto, é a base sobre a qual se apoiam os avanços posteriores e legitima o papel do profissional como mediador não apenas do conhecimento, mas também das relações.

Os dados obtidos quantificam o impacto dessa intervenção, fornecendo um grande sucesso que reforça a necessidade de investimento e qualificação dos profissionais de apoio.

A seguir, serão apresentados os avanços significativos observados em três dimensões cruciais do desenvolvimento, conforme ilustrado na Figura 1 (Gráficos 1, 2 e 3):



Fonte: elaboração própria.

A partir da vivência em sala de aula com uma criança autista observou-se avanços significativos no desenvolvimento da criança, conforme representado nos gráficos. A análise dos dados obtidos permitiu identificar avanços significativos no desenvolvimento da criança ao longo do acompanhamento.

Na Figura 1 estão representados os percentuais de evolução observados em três dimensões principais: socialização e interação, comunicação e expressão, e autonomia e participação. Eles são descritos a seguir:

80% – Socialização e Interação: No início do acompanhamento, em fevereiro, a criança apresentava pouca socialização e não participava das brincadeiras com os colegas. Com o apoio contínuo, passou a interagir, brincar e se alegrar com os demais alunos, demonstrando evolução nas relações interpessoais.

85% – Comunicação e Expressão: Observou-se um avanço notável na oralidade. A criança começou a falar mais, se comunicar de forma clara, chamar pelos colegas e participar de diálogos simples, favorecendo sua integração em sala de aula. Esses resultados reforçam a importância do profissional de apoio na mediação das interações e no estímulo ao desenvolvimento integral da criança, garantindo condições para que a inclusão escolar seja efetiva.

90% – Autonomia e Participação: Houve conquistas importantes no que diz respeito à independência. O aluno passou a ir ao banheiro sozinho, a realizar atividades pedagógicas com mais segurança e a participar dos eventos escolares de forma ativa, interagir mais com os colegas.

A coleta de dados foi realizada por meio Questionário: Um questionário semiestruturado foi aplicado às duas professoras (D e J) da rede municipal de ensino. O principal objetivo deste questionário foi coletar as percepções e opiniões das educadoras sobre a influência e a importância do profissional de apoio no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O instrumental de pesquisa era composto por quatro perguntas discursivas, que continham como objetivo de compreender a percepção das docentes sobre a presença e contribuição do profissional de apoio em sala de aula. As questões que foram aplicadas foram:

- I. Você considera importante a presença do profissional de apoio em sala de aula?
- II. De que forma a profissional de apoio contribui no processo de aprendizagem dos alunos? III. Quais atividades profissionais de apoio realiza que mais ajudam no dia a dia escolar?
- III. Na sua opinião, profissional de apoio deve ter uma formação específica para atuar na educação com crianças com necessidades específicas?

As respostas a essas perguntas permitiram compreender o impacto deste apoio na inclusão e nas estratégias pedagógicas adotadas. registros e observações durante o período de atuação junto ao aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida neste trabalho teve como objetivo compreender a importância do trabalho da profissional de apoio no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando sua vivência no contexto escolar, associada à pesquisa bibliográfica e à aplicação de questionários com duas professoras. Essa combinação de procedimentos possibilitou uma análise mais ampla e consistente sobre as práticas inclusivas adotadas no ambiente educacional.

A partir dos dados obtidos, foi possível identificar que a atuação da profissional de apoio contribui de forma significativa para o desenvolvimento do aluno com TEA, especialmente no que se refere à aprendizagem, à socialização e à participação nas atividades escolares. As respostas das professoras também evidenciaram a relevância do trabalho colaborativo e do planejamento pedagógico alinhado às necessidades do aluno.

Dessa forma, conclui-se que a articulação entre experiência prática, fundamentação teórica e escuta dos profissionais da educação fortalece as ações pedagógicas inclusivas. O estudo reforça a necessidade de formação continuada e de práticas reflexivas no cotidiano escolar, como elementos essenciais para a efetivação de uma educação inclusiva de qualidade.

REFERÊNCIAS

BOSA, C. A. *Autismo: intervenções psicoeducacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

FERNANDES, C. G. *Inclusão Escolar e o Papel do Professor e do Profissional de Apoio*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. E. *O desafio das diferenças nas escolas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

VYGOTSKY. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

